



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 11 | Nº. 21 | Jul./Dez. 2019

Viviane Prado Bezerra

Universidade Estadual Vale do Acaraú / UVA.

vivianclio@yahoo.com.br

APRESENTAÇÃO

A Revista Historiar traz a público em seu volume 11, número 21, artigos inéditos com importantes reflexões acerca de temáticas historiográficas diversas, o que corrobora com a proposta de “tema livre” dessa edição.

No entanto, mesmo enfocando temas diversos, podemos encontrar alguns elementos de convergência entre eles, pois os objetos de estudo abordados pelos autores inserem-se na perspectiva da História Social e Cultural, portanto, trazendo um olhar singular sobre processos sociais e representações culturais, bem como, sobre conflitos políticos e, também, pessoais, que marcaram a experiência de sujeitos comuns que vivenciaram um determinado contexto, uma determinada época.

Nesse sentido, como bem nos lembra Roger Chartier, em seu livro *A história cultural: entre práticas e representações*, “a história cultural tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1988, p. 16-17).

Desse modo, evidenciamos que os seis artigos que compõem essa edição se apropriaram da ampliação do conceito de fontes e dos campos de investigação proporcionados pelas abordagens da História Social e Cultural desde as décadas de 1960/70. Conforme nos informa Robert Darnton, em seu livro *O beijo de Lamourette*, o contexto da década de sessenta foi propício para uma inflexão das problematizações trazidas pelo paradigma da História Social, pois a explosão de muitos conflitos políticos, sociais, étnicos, “as contraculturas”, a guerra do Vietnã, na conjuntura da Guerra Fria, recolocaram o paradigma da História Social, que há muito vinha em querela com a História Intelectual norte americana, no centro das análises. Portanto, “o aliado abandonado tinha reconquistado o comando da profissão” (DARNTON, 1990, p.177). Desse modo, os historiadores sociais:

Acorreram não para preencher o vazio, mas para esgaravatar nas ruínas da velha nova história, não para reconstruir um passado único, mas para cavar em diversas direções. História Negra, História Urbana, História do trabalho, História das mulheres, história da criminalidade, da sexualidade, dos oprimidos, dos silenciosos, dos marginais - abriram-se tantas linhas de investigação que a história social parecia dominar a pesquisa em todas as frentes (DARNTON, 1990, p. 177).

Por esse caminho, nessa edição da Revista Historiar, algumas dessas linhas de investigação foram contempladas, como História Urbana, História das Mulheres, História da criminalidade, dos oprimidos, dos silenciosos, entre outros domínios da História, como apresentaremos a partir de agora.

O primeiro artigo, “Blasfêmias e proposições heréticas: a boca maldita dos padres presos no Brasil pela inquisição de Lisboa”, autoria de Diogo Tomaz Pereira, aborda a História da Igreja, através da atuação da “Santa Inquisição” no Brasil colonial, alcançando o cotidiano das pessoas comuns, evidenciando o controle que a religião católica exercia naquele momento, tanto na metrópole, como na longínqua América portuguesa. Através de suas pesquisas no acervo *on-line* do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o autor revela a diversidade dos sujeitos investigados e detidos pelo Tribunal do Santo Ofício no Brasil, enfatizando, “os religiosos acusados de declarações infames em relação à fé”. Seu artigo nos revela um capítulo da história colonial do Brasil, em chave de análise renovada.

No artigo de Joabe Rocha de Almeida, “Deformações da modernidade”, o autor remonta ao século XVIII, em que recupera a importância do Iluminismo e da ascensão da burguesia para o processo de constituição do que chamamos de mundo moderno, marcado pelo liberalismo econômico e pela crença na razão, o que constituiu todo discurso científico consolidado até os dias de hoje. Em um segundo momento do texto, o autor também aborda a crise do paradigma da modernidade, trazendo os debates em torno da crise da razão, da “ideia empobrecida do real”, características do paradigma pós-moderno que marcam uma corrente do pensamento contemporâneo.

Rafael Dhenis Maciel, com seu artigo, “Remodelações urbanas na Fortaleza oitocentista: um olhar higienista”, também traz reflexões em torno do discurso de modernidade e progresso que chegava ao Brasil no contexto do século XIX e queria reconstituir nos trópicos a *pompa de la vie* vivenciada na Europa. Tais discursos influenciavam as reformas das cidades, remodelando seus espaços de sociabilidades, tornando-os o mais arejado possível, bem como, afastando dos centros urbanos, “os matadouros, cemitérios, lazaretos”, conforme pregava o discurso sanitarista a fim de prevenir epidemias e proliferação de doenças.

Nesse processo, também se influenciava o comportamento das pessoas que, através de novos códigos de posturas, normas e condutas, passavam pela normatização de seus corpos e mentes, legitimados pelo olhar higienista da modernidade burguesa, que buscava retirar dos centros urbanos tudo que fosse considerado um risco para a manutenção da saúde, mas também, da ordem. Nesse bojo, encontravam-se todos que estavam à margem da sociedade que, de maneira geral, eram considerados “classes perigosas”.

Nesse sentido, Francisco Elionardo de Melo Nascimento, com “Prisões, punição e ressocialização: o estabelecimento das prisões no Brasil e as particularidades do sistema prisional cearense”, historiciza o surgimento do sistema prisional no Brasil, também, no contexto das transformações modernas e reformas urbanas do século XIX. Através de suas pesquisas, os dois autores apresentam como essas transformações foram vivenciadas, em Fortaleza, Ceará.

No artigo, “Da ‘formosa sem dote’ à Marquesa de Santos: representação de Domitila de Castro Canto e Melo”, Patrícia Couto Nascimento aborda a História das Mulheres a partir das representações elaboradas em torno da personagem histórica Marquesa de Santos. Através das obras de Alberto Rangel, *Cartas de d. Pedro I à Marquesa de Santos* (1984) e de Paulo Rezzutti, *Titília e Demonão* (2011), a autora reflete sobre aspectos da vida pública e privada dessa mulher que marcou o imaginário da sociedade do Brasil império.

Jorge Luiz Ferreira Lima, em seu texto: “Um prelo e várias dívidas: o espólio de Vicente Loyola. Conflitos políticos, imprensa, história e memória em Sobral entre 1910 e 1930”, recupera a efervescência social e política da cidade de Sobral, Ceará, nas primeiras décadas do século XX, através da trajetória do jornalista Vicente Loyola e seu jornal O Rebate. O autor situa os conflitos pessoais e políticos vivenciados pelo seu personagem que, de origem humilde e pele negra, conseguiu ascender socialmente, chegando a se tornar deputado estadual, passou a incomodar a elite intelectual e abastada da cidade, que tanto era conservadora nos costumes, quanto na política, pois Sobral, e parte da imprensa local, era reduto do então Partido Conservador. Como nos informa Jorge Luiz, com uma escrita intrigante, tais conflitos se escancaram nas páginas do jornal opositor, Pátria, que fazia questão de desqualificar Vicente Loyola por “negrão infame” e “pasquineiro” e que, após sua morte, em 1919, inicia-se um conflituoso processo em torno do seu maior bem, a tipografia do Rebate, e as dívidas deixadas pelo polêmico jornalista.

Concluída a apresentação dessa edição da Revista, convidamos aos leitores para “Historiar”, no sentido de apreciarem mais detidamente os artigos e se deixarem envolver pelas histórias, memórias e representações abordadas pelos autores. Boa leitura!